

A MIMESE DA LOUCURA: O DISCURSO LITERÁRIO DE STELA DO PATROCÍNIO

Jarbas Vargas Nascimento (PUC-SP/UFES)
Ramon Silva Chaves

A mimese da loucura: o discurso literário de Stela do Patrocínio

Qual é a voz da loucura? Começar um texto científico e crítico com uma pergunta sobre o que pode ser chamado de a “voz da loucura” ressalta a nossa necessidade de entender como um enunciado pôde marcar de maneira positiva uma característica notadamente negativa. É assim com o discurso literário *Reino dos bichos e dos animais é o meu nome*, de Stela do Patrocínio, publicado em 2001, pela Azougue editorial.

Conhecido de maneira razoável, o discurso que é *corpus* dessa pesquisa não passou de maneira despercebida por núcleos de prestígio literário e artístico no Brasil, desde sua publicação, concorreu a prêmios importantes como o Jabuti, foi adaptado ao teatro, passou por muitos debates. Contudo, salta-nos aos olhos a condição de Stela do Patrocínio, quando produziu o discurso que analisaremos. A escritora encontrava-se em situação manicomial com um diagnóstico de esquizofrenia. Eximindo-nos da genuína crítica, que poderá nascer da constatação de que insinuamos, ainda que de maneira enviesada, que pessoas em situação de internação não podem escrever literatura, cabe-nos mencionar que o discurso não foi escrito, nem falado com a intenção de ser recebido como literário. A condição de literariedade desse discurso nasceu de uma entrevista à escritora, feita por um grupo de artistas, que instalaram um ateliê experimental na Colônia Juliano Moreira, onde Stela do Patrocínio esteve por quase trinta anos de sua vida

É certo que os enunciados literários se baseiam nas próprias condições de produção (CP), mas não é exagero dizer que *Reino dos bichos e dos animais é meu nome* é um contumaz exemplo de como as CPs alicerçam o próprio discurso, engendrando um modo de enunciar, que é também um modo de ser literatura, manifestando, assim, os limites e códigos linguageiros do texto literário.

O discurso emerge como um porta-voz de um sujeito interno da Colônia Juliano Moreira, isto é, como a “voz testemunhal”, de quem tem direito à fala em um espaço, onde se supõe ausência da razão. Assim, podemos começar a nos perguntar quais são os efeitos de sentido negociados em “*Reino dos bichos e dos animais é o meu nome*”? Evidentemente, nenhuma resposta, que se baseie em um “leitor modelo”, pode ser atribuída em pesquisas identificadas como Análise de Discurso de orientação francesa como é essa. Por isso, asseguramos que essa pergunta leva-nos a crer que, qualquer efeito de sentido, que emergir do discurso *Reinos dos bichos e dos*

animais é o meu nome, terá de passar pelo entendimento de que, em sua CP, o enunciador marcou-se pela “loucura”. Deste modo, podemos afirmar que o enunciador, visto na embreagem enunciativa, é um “reino dos bichos e dos animais”, e esse efeito de sentido pode ser negociado em um espaço de enunciação estético-literário.

Na verdade, o discurso é admitido em uma lógica enunciativa e complexa, em que descolar o enunciado de sua CP interdita a possibilidade de interação em qualquer cenário de recepção do discurso. Além disso, é evidente que a ideia de “loucura” estabilizada pelo senso comum, como algo negativo, garante ao discurso o direito de ser o que é: literário. O discurso se caracteriza como literário, portanto, na simbiose entre a CP, que assegura ao discurso o direito de dizer e esse, por sua vez, garante àquela uma renovação sobre a ideia geral acerca da loucura, pois o ambiente literário é receptivo às transformações convencionais do uso da língua.

Se, por um lado, *Reino dos bichos e dos animais é meu nome* erige-se a partir da *loucura* e da *condição manicomial*, por outro, essa CP enrijece a identidade autoral, cooptando todo enunciado pela lógica de que todo o “dito” tem como origem uma narrativa da vida de um sujeito, que enfrentou um processo marginal e severo de determinação social.

As Condições de Produção do discurso Reino dos Bichos e Animais é meu nome

De modo geral, é comum pensar que o texto literário deve ser suficiente para a apreciação de um leitor, pouco importando a autoria, o contexto de produção e tudo o que for acessório. Deste modo, por que nos interessa refletir sobre o fato que *Reino dos bichos e dos animais é meu nome* tem uma autora *louca*⁴⁴, consi-

44 Optamos pela grafia em itálico para mostrar que se trata de discurso do senso

derando todas as problemáticas que circulam essa questão? Essa pergunta, mais que ingênua, não se admite em um enunciado literário; afinal, são muitos os gêneros que orbitam as produções literárias. Pela e para a literatura, emergem enunciados acadêmicos e academias, textos de diversos gêneros em jornais, comentários e inúmeras resenhas, clubes de leitores, fãs, enfim. Esse dado característico do discurso literário mostra que é compatível pensar que os efeitos de sentido de um texto literário não podem ser observados apenas pelo “interior” do enunciado, mas por uma rede, que liga o que podemos chamar de “interior” (o dado material linguístico) e a rede enunciativo-discursiva “exterior” ao enunciado. (discursos mobilizados por uma rede interdiscursiva).

A ideia de *loucura* funciona no discurso de Patrocínio como uma espécie de *âncora*, que finca um *dentro* e um *fora* do enunciado, cooperando para trazer luz ao sentido, no mesmo instante em que garante ao enunciado uma forma de “ser”, uma justificativa. Cabe-nos, aqui, uma reflexão sobre a noção de discurso constituinte, fundamental, para a análise, que desenvolvemos ao longo deste capítulo. Nas palavras de Maingueneau,

Os discursos constituintes são discursos que conferem sentido aos atos da coletividade, sendo em verdade os garantes de múltiplos gêneros do discurso. O jornalista, às voltas com um debate social, vai recorrer assim à autoridade do sábio, do teólogo, do escritor ou do filósofo - mas o contrário não acontece. Esses discursos são, portanto, dotados de um estatuto singular: zonas de fala entre outras e falas que se pretendem superiores a todas as outras. Discursos-limite, situados num

comum, cujas discussões sobre o quanto problemático é o termo ainda não estão avançadas.

limite, e que se ocupam do limite, eles devem gerir em termos textuais os paradoxos que seu estatuto implica. Com eles, são formuladas em toda a sua acuidade as questões relativas ao carisma, à Encarnação, à delegação do absoluto: a fim de autorizar-se por si mesmos, eles devem se propor como ligados a uma fonte legitimadora. São a um só tempo autoconstituintes e heteroconstituintes, duas faces que se pressupõem mutuamente: só um discurso que se constitui ao tematizar sua própria constituição pode desempenhar um papel constituinte com relação a outros discursos. (MAIN-GUENEAU, 2006, p. 61).

Assim, podemos observar a seguir que o discurso literário, conduz a forma (e a fôrma) de si mesmo, sendo o próprio garante e indicando a força motriz, base de seu próprio modo de enunciar. Nesse caso, obliterar a leitura a partir dos fatos da CP do discurso é impossibilitá-lo de ser apreendido como literário, uma vez que são essas condições que permitem a enunciação. Isso posto, o seguinte recorte do discurso é revelador:

I - Eu vim pra Colônia porque eu estava na rua voluntários da Pátria ao lado do Luís com um óculos, vestido azul, sapato preto, com uma bolsa branca com um dinheirinho dentro, porque eu ia pegar um ônibus e ia saltar na Central do Brasil [...]

A embreagem enunciativa constitui um tópos, a Colônia, como “aqui”. A proposição de análise do *ego*, *hic et nunc* corrobora a um *hic*, marcado pela constituição de interna na Colônia como lugar,

onde se vive a partir de uma narrativa difusa, ilógica, mas que parece óbvia: vim *aqui*, porque estava *ali*. O enunciador apresenta o *hic* como um *tópos* do discurso e, sem justificativa, o discurso começa discutir a internação. Esse é um ato ilocutório capaz de engrenar a enunciação, iniciar o desenrolar dos fatos e garantir a continuação do enunciado.

Assim, é importante dizer que Stela do Patrocínio, o corpo encarnado, que força a linha interdiscursiva e corrobora na constituição do *ethos* discursivo, viveu como interna da Colônia Juliano Moreira durante quase trinta anos de sua vida e que, durante sua permanência ali, não recebeu visitas de parente ou conhecido e nunca saiu de seu espaço.

O que se apresenta como *Reino dos bichos e dos animais é meu nome* é parte das gravações feitas entre 1986 e 1989 por Carla Gagliarde e Mônica Ribeiro de Sousa, estagiárias de Nelly Gutmacher, artista plástica que, na década de 1980, inaugurou um ateliê, sem fins terapêuticos no manicômio, onde Stela do Patrocínio permaneceu como interna até a sua morte em 1992. O ateliê tinha caráter experimental e oferecia aos internos, que o procurava, de maneira autônoma, materiais com os quais eles pudessem desenvolver potencial artístico. Nesse espaço, Patrocínio nunca pintou um quadro e não escreveu mais que poucas palavras em papel avulso. O que chamou a atenção dos estagiários da Colônia foi o modo como Patrocínio dizia:

Stela do Patrocínio chamou a atenção por sua singularidade, naquele lugar uniforme. Parecia uma rainha, não se portando como as outras que se aglomeravam, pedindo sempre. Diferenciava, em um silêncio agudo, sua forma própria de se colocar no espaço. Impossível

era não vê-la: negra, alta, com muita dignidade no porte, algumas vezes enrolada em um cobertor com o rosto e os braços pintados de branco. Apesar de frequentar o ateliê, raramente utilizava os materiais propostos. Quando desenhava o que era raro, eram coisas quase minimalistas, expressões pequenas, muito próximas à escrita. Algumas vezes escrevia em papelão, frases ou números. Mas o que realmente diferenciou Stela no grupo foi a sua fala. Ao contrário das outras internas, que aceitavam se relacionar usando tintas e papéis, ela preferia a palavra. E parecia ter clareza dessa preferência. Em sua fala desconcertante, cada sílaba era pronunciada com gosto. (MOSÉ, V. In Reino dos bichos e dos animais é meu nome, prefácio, p 22).

O dizer de Patrocínio evoca uma forma de *receber* o enunciado. Esse “recebimento” passou pela arguição de mais do que os membros do ateliê artístico, onde o discurso foi gravado, pois foi a audição das fitas, por Viviane Mosé, que mais contribuiu para a publicação, considerando-a literária.

Foi em função das pesquisas que vinha desenvolvendo em minha tese de doutoramento, que fui convidada, pelo então museu Nise da Silveira, para um trabalho no Instituto Municipal de Assistência à Saúde Juliano Moreira. Um dos pontos fundamentais ao serem tratados em minha tese de doutoramento em Filosofia (IFCS-UFRJ), que discute o problema da relação entre sujeito e linguagem em Nietzsche, é colocar em questão o projeto de racionalidade que sustentou, tanto a lin-

guagem conceitual, quanto os sujeito de conhecimentos. [...] Assim que tive contato com os textos de Stela me pareceu evidente se tratar de outro tipo de texto. A diferença em relação ao que conhecia de outros pacientes era explícita (MOSE, V. In Reino dos bichos e dos animais é meu nome, prefácio, pp.22 e 23)

O falatório, como Stela do Patrocínio chamou a própria forma de enunciar, fez com que Mosé, reconhecida filósofa brasileira, entendesse o enunciado como literário e, desse evento editorial, nasceu o discurso que analisamos.

O fato de Mosé entender o texto de Patrocínio como “evidentemente diferente” localiza a diferença dentro de uma zona de possibilidades para enunciados marcados pelo estigma da loucura, uma vez que o estigma revela uma forma de pensar e agir na interação. Deste modo, embora a opinião de Mosé importe para justificar a diferença de Patrocínio entre as demais internas, a autora de *Reino dos bichos e dos animais é meu nome* permanece estigmatizada, porque:

Assim, mesmo que se diga ao indivíduo estigmatizado que ele é um ser humano como outro qualquer, diz-se a ele que não seria sensato tentar encobrir-se ou abandonar “seu” grupo. Em resumo, diz-se-lhe que ele é igual a qualquer outra pessoa e que ele não o é - embora os porta-vozes concordem pouco entre si em relação a até que ponto ele deveria pretender ser um ou outro. Essa contradição e essa pilhéria constituem a sua sorte e seu destino. Elas desafiam constantemente aqueles que representam o estigmatizado (GOFFMAN, 2001, p. 107)

O sujeito estigmatizado constitui a própria identidade por uma regime diferente dos ditos “normais”, como menciona Goffman (2001), pois a interação destes sujeitos será marcada pela relação sócio-historicamente demarcada com o grupo dos *estigmatizados*. Com Patrocínio, não foi diferente, e o discurso *Reino dos bichos e dos animais é meu nome* assevera a interação por meio do estigma:

II - [...] [A] aí veio uma dona me botou pra dentro do Posto do Pronto Socorro perto da praia de Botafogo, e lá, eu dentro do Pronto Socorro, [B] ela me aplicou uma injeção, me deu um remédio, me fez eletrochoque, me mandou tomar um banho de chuveiro, mandou procurar mesa, cadeira, cadeira, mesa, me deu uma bandeja com arroz, chuchu, carne, feijão, aí chamou uma ambulância e disse: “carreguem ela”..., [C] ela achou que tinha o direito de me governar na hora, me viu sozinha, e Luís não tava mais na hora que o óculos caiu, [...]

Além da embreagem que marca um *hic*, as marcas do *ego*, mormente as de pessoa, *Eu*, e não-pessoa, *Ela*, enfatizam a relação dada no espaço, onde o *Eu* se marca, a Colônia. Em B, nota-se o manuseio, que *Ela* tem sobre o *Eu* e, depois, em C, percebe-se a avaliação do enunciador sobre isso. A embreagem enunciativa orbita a *loucura* como evento estandarte. É o enunciador, consciente do ambiente, que constitui a *mimese de louca*, mas são os eventos da loucura e o fluxo textual, que marcam essa mimese

Para essa análise, ainda, não podemos desconsiderar o fato de que *Reino dos bichos e dos animais é meu nome* está em uma situação *limite*, pois lida com o máximo da marginalização e a aceitação

plena do discurso literário.

A paratopia do estigma

Chamamos de paratopia a condição problemática dos discursos constituintes de existir sobre uma dupla e paradoxal afirmação: pertencer plenamente ao espaço social e ser dele totalmente rejeitado. Assim, enquanto discurso constituinte, o discurso literário não pode convocar para si um *topói*, mas estar na fronteira do pertencimento.

Enquanto discurso constituinte, a instituição literária não pode de fato pertencer plenamente ao espaço social, mantendo-se antes na fronteira entre a inscrição em seus funcionamentos tópicos e o abandono a forças que excedem por natureza toda a economia humana. Isso obriga os processos criadores a alimentar-se de lugares, grupos, comportamentos que são tomados num pertencimento impossível. (MAINGUENEAU, 2006, p.92).

A paratopia, assim, convoca a necessidade que o discurso literário se engendre a partir de uma *zona limite*, lugar, onde o enunciador justifica sua própria enunciação, caracterizando a forma de enunciar como enuncia.

III - [...] [D] na Central do Brasil ia tomar uma refeição, ia tomar um ônibus na Central do Brasil que ia pra Copacabana, ia chegar em Copacabana, aí 1212

peguei o carro na rua Voluntários da Pátria com o Luís, ao lado do Luís, o Luís entrou no bar, sentou na cadeira, tocou na mesa, falou com o dono do bar pra aprontar pra ele uma Caco-Cola e um pão de sal com salsicha, ele tomou a refeição sozinho, não pagou pra mim, nem eu pedi, nem eu disse nada, nem tomei dele, nem eu eu pedi a ele pra pagar pra mim, aí ele tomou, quando ele acabou nós saímos, [E] eu perdi o óculos, perdi o óculos, perdi o óculos que estava comigo, um óculos escuro, parecia que ele tinha me dado um bofetão na cara pra mim perder o óculos, o óculos pulou no chão, na rua Voluntários da Pátria, eu caí por cima do óculos e o óculos e eu ficamos no chão, aí veio, aí veio uma velhinha, na porta do apartamento dela, me levantou, disse que não tinha sido nada, pra mim parar de ficar chorando, [A] aí veio uma dona me botou pra dentro do Posto do Pronto Socorro perto da praia de Botafogo, e lá, eu dentro do Pronto Socorro [...]

Em B,D e E as repetições, a escassez de marcas de pontuação, as marcas de oralidade, comprovam a mimese da loucura, o que estamos chamando de voz. Essa voz, produz um enunciado em um fluxo da narrativa anormal. Essa *anormalidade* é um traço de paratopia, pois o discurso se materializa desse modo, para justificar o corpo do enunciador estigmatizado, louco, marginalizado.

A paratopia, nesses termos, foi entendida por Maingueneau como paratopia de identidade. Nas palavras do autor, a paratopia de identidade

apresenta todas as figuras de dissidência e da margi-

nalidade, literais ou metafóricas: o meu grupo não é meu grupo. [...] A paratopia de identidade pode até se tornar máxima por menos que incida sobre o próprio pertencimento pleno à humanidade, tanto do ponto de vista físico (que inscreve na carne a exclusão pela raça, a doença, a deficiência ou a monstruosidade) como moral (a do criminoso) ou psíquica (a do louco) (MAINGUENEAU, 2006, p. 110).

Dessa observação nasce uma problemática: é possível chamar de identidade aquilo que, de certo modo, constrange o sujeito? Os estudos sobre identidade, advindos do momento pós-estruturalista, entendem-na como fluída, cambiante e associada aos diversos campos de interação, conduzidos por associações a papéis marcados nos gêneros pelos quais o enunciador e co-enunciador interagem. Foram muitos os trabalhos nessa esteira, passando por Hall (2014) e Bauman (2005). Contudo, ficamos com a proposição de Charaudeau, que menciona sobre a identidade:

A filosofia contemporânea – principalmente a fenomenologia – tem tratado esta questão como o fundamento do ser: a identidade é o que permite ao sujeito tomar consciência de sua existência, o que se dá através da tomada de consciência de seu corpo (um estar-aí no espaço e no tempo), de seu saber (seus conhecimentos sobre o mundo), de seus julgamentos (suas crenças), de suas ações (seu poder fazer). A identidade implica, então, a tomada de consciência de si mesmo. (CHARAUDEAU, 2009, p. 309)

É o autorreconhecimento e o direito ao pleno exercício da sin-

gularidade e da identificação com o grupo que permitem a constituição da identidade. Não é o que nos parece ver acontecer com o estigma, uma imposição negativa, um elemento da interdição do diálogo, algo que finca um enunciador em uma forma de ser e comportar-se no mundo. Nossa análise, toma o estigma da *loucura* como ancoragem interdiscursiva de *Reino dos bichos e dos animais é o meu nome*, na medida em que mostra um enunciador que, pela mimese da loucura, faz o engenho enunciativo de modo a justificar a maneira pela qual se enuncia. Nesse sentido, a cenografia de relato associa-se ao gênero poesia nos recortes a seguir.

Análise

Para nossa análise partimos da embreagem enunciativa que integra a mimese da loucura. Somamos a ela a noção de cenografia, pois consideramos o gênero “poesia”, assumido pelo corpo editorial de *Reino dos bichos e dos animais é o meu nome*, é marcado pelo fluxo narrativo e, desse modo, é a base da manifestação do enunciado.

As normas constitutivas da cena genérica não bastam, entretanto, para dar conta da singularidade de um texto. Enunciar não é apenas ativar as normas de uma instituição de fala prévia: é construir sobre essa base uma encenação singular da enunciação: uma cenografia (MAINGUENEAU, 2015, p.122).

Por outras palavras, podemos mencionar que cabe ao enunciador, por meio da própria enunciação, justificar o próprio quadro enunciativo de *onde* emerge. Por isso, nossa análise será a de primeiro observar a embreagem, após observar o quadro narrativo

do gênero por meio da cenografia e, finalmente, avaliar a paratopia do estigma.

A seguir elencamos os recortes que selecionamos para a análise.

Recorte I

*Eu estava com saúde
Adoeci
Eu não ia adoecer sozinha não
Mas eu estava com saúde
Estava com muita saúde
Me adoeceram
Me internaram no hospital
E me deixaram internada
E agora eu vivo no hospital como doente
O hospital parece uma casa
O hospital é um hospital*

Recorte II

*Estar internada é ficar todo dia presa
Eu não posso sair, não deixam eu passar pelo portão
Maria do Socorro não deixa eu passar pelo portão
Seu Nelson também não deixa eu passar lá no portão
Eu estou aqui há vinte cinco anos ou mais*

Recorte III

*Eu sou Stela do Patrocínio
 Bem patrocinada
 Estou sentada numa cadeira
 Pegada numa mesa nega preta e crioula
 Eu sou uma nega preta e crioula
 Que a Ana me disse
 Meu nome verdadeiro é caixão enterro
 Cemitério defunto cadáver
 Esqueleto humano asilo de velhos
 Hospital de tudo quanto é doença
 Hospício
 Mundo dos bichos e dos animais
 Os animais: dinossauro camelo onça
 Tigre leão dinossauro
 Macacos girafas tartarugas
 Reino dos bichos e dos animais é o meu nome
 Jardim Zoológico Quinta da Boa Vista
 Um verdadeiro jardim zoológico
 Quinta da Boa Vista*

Recorte IV

*Eu já fui operada várias vezes
 Fiz várias operações
 Sou toda operada
 Operei o cérebro, principalmente
 Eu pensei que ia acusar
 Se eu tenho alguma coisa no cérebro
 Não, acusou que eu tenho cérebro*

*Um aparelho que pensa bem pensado
 Que pensa positivo
 E que é ligado a outro que não pensa
 Que não é capaz de pensar nada e nem trabalhar
 Eles arrancaram o que está pensando
 E o que está sem pensar
 E foram examinar esse aparelho de pensar e não pensar
 Ligados um ao outro na minha cabeça, no meu cérebro
 Estudar fora da cabeça
 Funcionar em cima da mesa
 Eles estudando fora da minha cabeça
 Eu já estou nesse ponto de estudo, de categoria*

A embreagem enunciativa

No recorte I, a embreagem enunciativa apresenta um enunciado, que revela a doença como uma imposição, notada especificamente pela não-pessoa, em 6. O enunciado, anteriormente, lida com o fato de que a doença passa a pertencer em algum momento, do 1 ao 5. Após, em 7 e 8, a não-pessoa, sobre quem se fala, pode ser evocado como traço dos discursos de exclusão: aqueles que adoecem e prendem, ainda que no hospital, alguém que não estava doente. Essa reflexão é possível pela modalização, uma vez que a seleção do repertório leva-nos a construir efeitos de sentido sobre a apreensão do enunciadador sobre a própria situação.

As marcas de lugar compõem um ambiente hospitalar que denota o cuidado médico em detrimento do social dado às pessoas com diferenças e distúrbios intelectuais. A ideia de hospital é eficiente, uma vez que a condição de esquizofrenia é constituída sócio-historicamente como conjunto de psicoses endógenas, cujos sintomas fundamentais apontam a existência de uma dissociação

da ação e do pensamento, expressa em uma sintomatologia variada, como delírios persecutórios, alucinações, entre outros (cf Dicionário online).

No recorte II, a não-pessoa se apresenta ainda mais impositiva e, dessa vez, altera entre substantivos próprios, em 2,3 e 4. Ainda, em 2 e 5, o aqui é alargado no tempo de 25 anos. Um cárcere tamanho que o enunciador não tem pode sair.

No recorte III, o enunciador marca mais a si mesmo e menos a não-pessoa, e isso não acontece sem deixar evidente muitos traços do estigma: 3, 4, 5, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17 e 19. Mais do que a *loucura*, aparece a negritude e a comparação com animais, para matizar a ideia do estigma, a prisão e o apartamento dos demais da sociedade.

No recorte IV, o enunciador marca o *eu* até 6 por meio do evento da “operação”, a cirurgia que, em 7, é atualizado para “Não, acusou que eu tenho cérebro”. A não-pessoa, mais uma vez, é marcada como a responsável por adoecer, examinar, “tratar com categoria”, constranger o enunciador que, ainda que tenha cérebro, é tratada como se não tivesse.

A cenografia

Não é à toa que *Reino dos bichos e dos animais é o meu nome* foi tratado como literário, quando vemos o tratamento editorial que recebeu de muitas mãos. Além de todos os profissionais exigidos habitualmente em publicações com esse impacto e grandeza, há os estagiários da Colônia Juliano Moreira, que gravaram Patrocínio, e Mosé quem selecionou e deu dimensão de verso ao que antes aparecia como respostas dadas a perguntas pela autora. Dada essa

conjuntura, a cenografia mostrada no discurso evoca a sensação de “alguém que toma a palavra e diz das próprias condições como denuncia o que confere à cenografia a constituição do gênero *relato*.

Dessa forma, relatar pressupõe narrar; dizer de si em uma dimensão modalizada do ponto de vista. O ponto de vista marca a consciência sobre a própria situação que é, na mesma medida, uma consciência lúcida, aquela que concorda que a situação manicomial é um regime ultrapassado e violento. Falar de si, relatar, pois, arrasta o enunciado para dentro de um limite possível da interação: não é permitido, portanto, dizer que o enunciador não é lúcido.

Entretanto, a enunciação obedece a um fluxo linguístico entrecortado por marcas de oralidade, falta de pontuação, repetições que condicionam o *ethos* discursivo como o um sujeito marcado pelo estigma da loucura.

Assim, a dimensão em verso, marca do engenho editorial, lida com a ausência de razão, trazida pelo desmazelo linguístico e a total racionalidade, trazida pela avaliação do tratamento recebido pela não-pessoa, o que centraliza o discurso em uma fronteira impossível.

A paratopia do estigma

A cenografia localiza o discurso *Reino dos bichos e dos animais é meu nome* em uma fronteira: a da enunciação que só pode ser audível no âmbito literário. Essa possibilidade vem, pois, a *loucura* é a interdição da interação. Ao louco, restou o estigma daquele que não se comunica, eficientemente, daquele que não pode entender e pensar sobre as próprias condições. Assim, o enunciado fricciona interdiscursivamente a loucura a que tem a interdição linguística,

mas que não tem a interdição comunicacional.

Nesse sentido, o estigma da loucura é apresentado como condição e meio para enunciar o que é e como é enunciado. A dimensão literária passa a representar a própria necessidade de enunciação, em *Reino dos bichos e dos animais é meu nome*, Enunciar de outro modo faria com que o discurso perdesse a validade literária, para ser o que é: faz-se necessário ser apreendido como o discurso de alguém *louco*, cuja fala represente, de algum modo, a interdição, a ilogicidade e, por isso, o pleno direito ao simbólico, ao literário, ao ficcional.

O que ancora o discurso na justa fronteira entre o *pertencimento tópico* e o *abandono a forças que excedem por natureza toda a economia humana* é a paratopia do estigma. Reafirmamos, contudo, que a paratopia é a do estigma, uma vez que as marcas de não-pessoa confirmam que a *loucura* não é um deslizamento identitário, que nasce do reconhecimento do enunciador de si mesmo a partir do outro, mas da imposição, do cárcere, da violência. Não podemos negar que a ideia de loucura vem associada à marginalização de modos de ser, uma imposição mostrada no discurso como violenta e arbitrária. É essa violência que, também, opera na constituição da noção de *loucura* como aquela que torna o sujeito acometido por esse traço como passivo a sofrer punições severas.

Considerações finais

Neste capítulo, analisamos a *mimese* enunciativa, que condiciona a voz da *loucura* como efeito da paratopia do estigma no discurso *Reino dos bichos e dos animais é meu nome* de Stela do

Patrocínio. Para isso, selecionamos recortes do discurso mencionado e levantamos a embreagem enunciativa, a cenografia de relato e a paratopia do estigma como aparato de análise suficiente para discutir a loucura como dimensão discursiva capaz de validar o enunciado como literário.

As reflexões que apresentamos aqui estão dentro do escopo da disciplina da Análise do discurso de inspiração francesa. Orientamo-nos, portanto, por categorias enunciativo-discursivas capazes de observar em materialidades discursivas aspectos tópicos e não tópicos da enunciação. Dessa feita, observamos, além da embreagem, cenografia e paratopia, as condições sócio-históricas culturais, que conduzem a noção de *loucura*, um estigma, atualizada no discurso analisado. Por meio da interdisciplinaridade particular à AD, aliamos em nossa análise conceitos da Teoria da Enunciação, Psicologia e Ciências Sociais; como consequência desse processo de análise, verificou-se; que nas imediações do discurso existem tensões linguísticas, que são sensíveis ao plano psíquico e social. Deste modo, as contribuições alcançadas trazem benefícios ao objeto analisado e às disciplinas, que o analisaram, simultaneamente.

Os resultados de nossa análise mostram que a *loucura*, um estigma imposto a um enunciador, é válvula de pressão responsável pelo enunciado literário, o elemento presente em todo o discurso, que é ao mesmo tempo sua causa e sua finalidade; assim, a *mimese* se localiza em um dado identitário: o sujeito louco. E, por meio desse dado, faz-se a engenhosa tessitura do discurso literário de Stela do Patrocínio.

Referências

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi.

Traduzido por Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

CHARAUDEAU, Patrick. Identidade social e identidade discursiva, o fundamento da competência comunicacional, In: PIETROLUONGO, Márcia. (Org.) **O trabalho da tradução**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2009, p. 309-326, 2009.

CHAVES, Ramon Silva. **A paratopia do estigma: identidade e relato de si no discurso Recordações do escrívão Isaias Caminha, de Lima Barreto**. 2018. 214 f. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Programa de Estudos Pós-graduados em Língua Portuguesa, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2018.

EAGLETON, Terry. **How to read a poem**. EUA, Blackwell Publishing, 2007.

FOUCAULT, Michel. **A história da loucura na Idade Clássica**. Trad. José Teixeira Coelho Netto. São Paulo, Perspectiva, 1978.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Trad. Mathias Lambert. 4^a. ed. São Paulo: LTC, 2001.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014.

LAJOLO, Marisa. **O que é Literatura?** - 5a ed. São Paulo: Brasiliense, 1984.

MAINGUENEAU, Dominique. A Análise do Discurso e suas fronteiras. **Matraga**. Rio de Janeiro, v.14, n.20, 2007, pp. 13-37.

MAINGUENEAU, Dominique. **Discurso literário**. Trad. Sírio Possenti. São Paulo: Contexto, 2006.

MAINGUENEAU, Dominique. **O Discurso Pornográfico**. Trad. Marcos Marcionilo, São Paulo: Parábola, 2010.

NASCIMENTO, Jarbas Vargas, CANO, Márcio Rogério de Oliveira & ELIAKIM, Jonatas. **Paratopia**. Série Discurso e Cul-

tura Vol. 3. São Paulo: Blucher, 2020.

MOSÉ, Viviane. Stela do Patrocínio. **Uma trajetória poética em uma instituição psiquiátrica**. In: PATROCÍNIO, Stela. Reino dos bichos e dos animais é o meu nome. Rio de Janeiro: Azougue, 2001. p. 19-31.

PATROCÍNIO, Stela. **Reino dos bichos e dos animais é o meu nome**. Organização Viviane Mosé. Rio de Janeiro: Azougue, 2001.

ZARA, Telma Beiser de Melo. **“Me transformei com esse ‘falatório’ todinho”**: cotidiano institucional e processo de subjetivação em Stela do Patrocínio. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais), Universidade Estadual do Oeste do Paraná . Campus de Toledo. Centro de Ciências Sociais e Humanas. 2014.